

IMPACTOS SÓCIO-ECONÔMICOS COM A CHEGADA DO COMPLEXO DE FÁBRICAS EM TRÊS LAGOAS/MS*

*FIGUEIREDO, Amanda Aparecida Costa***

Introdução

Para entendermos o processo de industrialização que se dá na cidade de Três Lagoas, precisamos analisar o contexto histórico, ou seja, as mudanças ocorridas no mundo do trabalho e as especificidades da cidade.

A pesquisa tem como objetivo analisar os impactos gerados na cidade de Três Lagoas através de indicadores sócio-econômicos que ocorreram com a chegada do complexo de fábricas.

Três Lagoas, está localizada no extremo leste do estado de Mato Grosso do Sul. Terezinha Viegas (2007) destaca que, na história da formação da cidade podem ser assinalados dois períodos: um anterior à chegada da antiga Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), e outro posterior.

Com o início das obras da NOB, em 1909, o crescimento da população local foi significativo, demarcando o segundo período de povoamento no setor ao Norte da ferrovia. Com a construção da barragem de Jupuíá e da usina hidroelétrica Engenheiro Souza Dias na década de 1960, houve um crescimento considerável na cidade. Constatando que a cidade tem um crescimento em saltos, e a chegada desse complexo de fábricas pode trazer mudanças significativas para a cidade.

Hoje a cidade tem 87.000 habitantes. ainda concentra na pecuária sua principal atividade econômica. Entretanto, suas bases nos setores secundário e terciário da economia se evidenciam em expansão, sobretudo, levando-se em conta o aumento do parque industrial, caracterizado pela chegada, em 2007, de um complexo de fábrica¹ ligado aos setores de papel

* Este texto é parte da pesquisa desenvolvida com financiamento do CNPq através da bolsa de iniciação científica, e parte da pesquisa do GENTE (Grupo de estudos nucleados do trabalho e educação) intitulada “Indicadores de desenvolvimento urbano e o impacto sócio-econômico da chegada do complexo de fábricas em Três Lagoas/MS”, orientada pelo prof. Dr. Hajime Takeuchi Nozaki.

**Graduanda em pedagogia na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (DED/CPTL). E-mail: amanda.ufms@hotmail.com

¹ Considera-se um complexo de fábricas ao conjunto formado por uma empresa mãe, que traz consigo várias empresas satélites, no processo de horizontalização da planta produtiva.

e de celulose². Estima-se que a chegada do complexo de fábricas de papel e de celulose seja um novo marco na história da cidade e traga outro salto de organização social, econômica e cultural em Três Lagoas.

Mudanças no mundo do trabalho

Partimos da afirmação de Gaudêncio Frigotto (2000b) de que o capitalismo tem como característica atravessar várias crises estruturais e cada vez num intervalo de tempo menor e mais intensas, visto que as “leis históricas” sob as quais opera são contraditórias e conflitantes. O que acontece é a revolta das forças produtivas modernas contra as modernas relações de produção e de propriedade que condicionam a existência da burguesia e seu domínio.

O capitalismo tem como objetivo central a maximização da acumulação de capital, visando sempre o lucro, ou seja, a mais-valia que é o trabalho não pago. Há duas formas de extração de mais-valia, a mais-valia relativa em que se aumenta a produtividade por meio da intensificação do trabalho e a mais-valia absoluta em que se aumenta a jornada de trabalho, assim o excedente desse trabalho fica para o capitalista.

Deste modo, a relação capital/trabalho é estruturalmente desigual, visto que, de um lado se tem o dono dos meios de produção e do outro o vendedor da força de trabalho abstrata, que interessa ao capital como produtora de valores de troca. (ibid.).

O capitalista não percebe que seu lucro provém da exploração da força de trabalho (capital variável), e não das maquinarias (capital constante). Deste modo, a crescente acumulação se faz às custas de alterações na composição orgânica do capital, que consiste na proporção entre capital constante e capital variável.

Deste modo, temos o fundamento da crise estrutural do capital. Quando o capitalista, na intenção de aumentar a produtividade do trabalho, investe em máquinas com mais tecnologia e aumenta assim a proporção do capital constante em relação ao capital variável que é de onde provém a mais-valia, a taxa de lucro por produto diminui, tendo o capitalista que vender muito mais. Os outros capitalistas farão a mesma coisa para se manterem na concorrência. Tem-se assim a o aumento da produção. Osvaldo Coggiola (1998,

² O complexo de fábricas analisado possui duas empresas principais, uma no setor de celulose e outra no setor de papel. A pesquisa dedicou-se a analisar as estratégias de qualificação da fábrica de papel, pois, apesar da fábrica de celulose ser representativamente maior na cidade, a fábrica de papel possui um caráter corporativo internacional.

p. 76), aponta que “O deus do capital tende a auto-destruir-se: o lucro tende a zero, o capital tende a abolir a si mesmo”.

As crises seriam o limite à expansão da acumulação, na qual se tem a contradição entre a expansão da produção e a criação de valor, visto que o mercado fica saturado. (SANTIAGO, op. cit.). Por isso, Frigotto afirma que (op.cit.) são as crises periódicas, que pela concorrência sob forças e poderes desiguais, conduzem à acumulação, concentração e centralidade de capital.

As crises têm uma mesma gênese estrutural, mas, cada vez, trazem uma materialidade específica. As crises de 1914, 1929 e a crise de 1973 exemplificam estas erupções violentas de um processo de crises cíclicas.

O caráter contraditório (de crise portanto) do modo de produção capitalista explicita-se, historicamente e em formações sociais específicas, de formas e conteúdos diversos, porém, inexoravelmente, pela sua própria virtude de potencializar as forças produtivas e por sua impossibilidade de romper com as relações sociais de exclusão e socializar o resultado do trabalho humano para satisfazer as necessidades sociais coletivas. Paradoxalmente com mais de dois terços da humanidade passando fome ou morrendo de fome, a crise do capital é, hoje, superacumulação estatalmente regulada. (ibid., p. 65).

Deste modo, o Estado de Bem-Estar Social, ou Welfare State, foi uma resposta dos países do capitalismo central para tentar contornar a crise dos anos 30 do século XX, desenvolvendo assim, políticas sociais que visam à estabilidade no emprego, políticas de renda com ganhos de produtividade, assim como seguro desemprego, previdência social, direito à educação, entre outras. (ibid). Tendo como base econômica o keynesianismo, esse período caracterizou-se por agir com uma pesada intervenção no processo econômico-social como forma de evitar o esgotamento total do sistema. (VASAPOLLO, 2007).

Assim, afirma Antunes (1999) que se tinha uma ilusão de que o sistema de metabolismo social do capital pudesse ser efetivo, duradouro e definitivamente controlado, regulado e fundado num compromisso entre capital e trabalho mediado pelo Estado.

O padrão de acumulação que mantinha esse período era o taylorismo/fordismo, caracterizado por uma integração vertical, em que a produção consistia no parcelamento de tarefas, fazendo com que as atividades fossem simplificadas e repetitivas; introduziu-se o uso da esteira, controlada pela direção da empresa, havia a produção em massa e padronização das peças. Nesse processo aconteceu a desqualificação dos operários, visto que eram exigidas qualificações mínimas para exercer uma determinada função. (GOUNET, 1999).

Caracterizou-se este padrão de acumulação pela mescla da produção em série fordista com o cronômetro taylorista. Havia também uma separação nítida entre a elaboração e a execução. O taylorismo/fordismo transformou a produção industrial capitalista e teve uma

grande expansão, inicialmente para toda a indústria automobilística dos EUA, e posteriormente para os principais países capitalistas. (ANTUNES, op.cit.).

No início da década de 1970, esse padrão de acumulação começou a dar sinais de esgotamento. A crise do fordismo e do keynesianismo era a expressão fenomênica de um quadro crítico mais complexo, uma crise estrutural do capital, no qual se destacava a tendência decrescente da taxa de lucro. (ibid).

O capitalismo entrou em crise em 1973, combinando baixas taxas de crescimento com altas taxas de inflação e, como tentativa de sair da crise, iniciou um processo reorganização do capital e de seu sistema ideológico e político de dominação, surgindo assim as idéias neoliberais, baseadas nas teorias e ações políticas do liberalismo clássico, a partir da retomada das idéias de Hayek e Friedman. (ANDERSON, 1995)

Para a recuperação das taxas de lucro para o capital, o neoliberalismo postula a retirada do Estado da economia, ou seja, o Estado mínimo no que diz respeito aos direitos trabalhistas, mas um Estado máximo nas ações políticas. Assim, há um retorno às leis de mercado, sem restrição, aumento das taxas de juros, diminuição dos impostos sobre o capital e diminuição dos gastos e receitas públicas. (FRIGOTTO, op.cit.).

Embora a crise estrutural do capital tivesse determinações mais profundas, a resposta capitalista foi enfrentá-la na sua superfície, reorganizando o ciclo produtivo e preservando seus fundamentos essenciais. Deste modo houve a transição do padrão taylorista/fordista para as novas formas de acumulação flexibilizada. (ibid.)

O toyotismo foi implantado gradativamente entre as décadas de 1950 e 1970 na fábrica Toyota, com o intuito de competir com as fábricas americanas, respeitando as características próprias do Japão, que dificultavam a implantação do fordismo, tendo em vista o preço e as condições geográficas e a falta de espaço para o estoque em massa. (GOUNET, op.cit.).

Thomas Gounet (ibid.) resume os métodos de produção do toyotismo em seis pontos. O primeiro ponto diz respeito à produção que é puxada pela demanda e o crescimento pelo fluxo, para evitar o estoque em massa. A empresa só produz o que é vendido e o consumo condiciona toda a organização da produção.

Uma segunda característica desse padrão é a eliminação de todo o desperdício possível. Assim, o toyotismo optou por uma integração horizontal de sua fábrica, decompondo o trabalho em quatro operações: transporte, produção, estocagem e controle de qualidade. Das quais só a produção agrega valor ao produto.

Outro ponto importante é a flexibilização da organização do trabalho. O trabalhador torna-se polivalente e o trabalho é realizado em equipe.

No quarto ponto, o autor (ibid.) aponta que para se economizar tempo, instala-se o Kanban, que é uma placa que funciona como uma senha de comando. Na prática, utiliza-se uma peça e retira-se o Kanban e para evitar o estoque depois essa peça será repostada.

Diferente do fordismo que produzia em massa, uma característica do toyotismo é que se produz vários modelos, mas em números reduzidos.

Como último ponto, Gounet (ibid.) ressalta que o toyotismo também optou por uma integração horizontal de sua fábrica, mantendo um núcleo central, mas terceirizando parte da produção.

Deste modo, David Harvey (2000) aponta que a acumulação flexível é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo, ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo, surgem novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.

Visando sempre a exploração sobre a força de trabalho, o toyotismo exige uma flexibilidade do trabalho e dos trabalhadores, aproveitando ao máximo o tempo, e suas capacidades cognitivas. O trabalhador necessitou tornar-se polivalente para operar diferentes máquinas e trabalhar em equipe. (ALVES, 2000). Luciano Vasapollo (op.cit.) afirma que essa estruturação do capital é acompanhada pelo trabalho não pago, informal, terceirizado, sem garantias e por tempo determinado, sendo assim chamado por ele de trabalho atípico.

O mercado de trabalho se tornou muito volátil, a competição aumentou e as margens de lucro diminuíram, mas os patrões tiraram proveito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão-de-obra excedente para impor regimes e contratos de trabalho mais flexíveis. (HARVEY, op.cit.)

Neste sentido, intensificação do trabalho aumenta, a flexibilidade é em nível máximo, aumentando a carga horária com as horas extras. A informatização além de provocar o desemprego estrutural, desqualificou o trabalho já existente. Deste modo, a flexibilização não é uma solução para os índices de emprego, e sim o contrário, o que ocorre é que há uma imposição à força de trabalho para que sejam aceitos trabalhos reais mais baixos e em piores condições. (VASAPOLLO, op.cit.).

Forma-se uma nova hierarquia, na cúpula se encontra os patrões das montadoras, logo abaixo o das fornecedoras, depois os quadros e mensalistas. Em seguida os operários, os

operários das filiais, e por fim os subcontratados ou desempregados. Sendo assim, o toyotismo provoca uma diferença social ainda mais aprofundada. (GOUNET, op. cit.).

Assim, no interior da acumulação flexível, situado no neoliberalismo, os trabalhadores vêm sofrendo mudanças tanto nas condições objetivas quanto nas subjetivas de trabalho. As empresas buscam um perfil ideal de trabalhador, pautadas na noção de competências. Silvia Manfredi (1998) caracterizou em: o “saber fazer” dimensões práticas, técnicas e científicas adquiridas formalmente, por meio de cursos ou experiência profissional; o “saber ser”, relações sociais de trabalho, comunicação, produtividade, competitividade, disponibilidade para a mudança; e o “saber agir” saber trabalhar em equipe, resolver problemas, intervir, decidir.

Já Schwartz (1995, *apud* RAMOS, 2002), utiliza em seus estudos, três dimensões de competências. A primeira seria a dimensão conceitual, que seria associado ao conceito, aos títulos e diplomas. A outra é a dimensão social, referente às relações sociais ao conjunto de regras e direitos relativos ao exercício profissional construídos coletivamente. E a terceira dimensão é a experimental, que se refere ao trabalho propriamente dito, prever e tomar decisões frente aos imprevistos do seu serviço.

No Brasil, desde os anos 70, passa a ser incorporada nos discursos dos empresários, dos técnicos dos órgãos públicos que lidam com o trabalho e por alguns cientistas sociais, como se fosse uma decorrência natural e imanente ao processo de transformação na base material do trabalho (*ibid.*, p.27).

Referencial teórico-metodológico

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma perspectiva crítico-dialética. Essa abordagem expressa a pretensão de revelar as relações antagônicas, resgatando sua dimensão sempre histórica e mostrando suas possibilidades de transformar a realidade. (GAMBOA, 2000).

As pesquisas dialéticas consideram a história como eixo da explicação e da compreensão científica e têm na ação uma das principais categorias epistemológicas. Deste modo, o homem é visto como ser social e histórico transformador da história. (*ibid.*).

A dialética situa-se, então, no plano de realidade, no plano histórico, sob a forma de trama de relações contraditórias, conflitantes, de leis de construção, desenvolvimento e transformação dos fatos. (FRIGOTTO, 2000a, p. 75.).

Criticando os pensadores alemães que não fizeram a conexão entre a filosofia e a realidade, Karl Marx e Friedrich Engels (2009) afirmam que não são as idéias que

determinam a realidade social, mas sim as relações materiais, concretas que os homens estabelecem entre si que explicam as idéias.

Assim, constatam que o primeiro pressuposto de toda a história humana é a existência de indivíduos humanos vivos, e para isso é preciso produzir os bens necessários à existência.

As premissas com que começamos não são arbitrárias, não são dogmas, são premissas reais, e delas só na imaginação se pode abstrair. São os indivíduos reais, a sua ação e suas condições materiais de vida, tanto as que encontraram quanto as que produziram pela sua própria ação. Essas premissas são, portanto, constatáveis de um modo puramente empírico. (ibid. p. 24).

Destacam o trabalho, que faz a mediação entre os homens e a natureza, como a categoria central para a compreensão da existência humana. (ibid.).

Podemos distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião – por tudo o que se quiser. Mas eles começam a distinguir-se dos animais assim que começam a produzir os seus meios de subsistência, passo esse que é requerido pela sua organização corpórea. Ao produzirem os seus meios de subsistência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material. (p. 24).

Então, enquanto as concepções metafísicas se fixam no fenômeno, na existência positiva, na representação, na sistematização doutrinária das representações, a concepção materialista histórica se fixa na essência, no mundo real, partindo da atividade prática objetiva do homem histórico.

O que os homens são coincide com o que produzem e como produzem. E essa produção surge com o aumento da população, pressupondo um intercâmbio dos indivíduos entre si. A forma desse intercâmbio se desenvolve nas diferentes nações pelas forças produtivas, pela divisão do trabalho e pelo intercâmbio interno. (ibid.).

A divisão social do trabalho inicia a sua primeira forma na família, na qual mulher e filhos se tornam escravos do homem. Além dessa divisão, entra em contradição o interesse de cada uma das famílias e o interesse comunitário. E com a divisão do trabalho e propriedade privada, as atividades são divididas naturalmente, e não voluntariamente, sendo assim a ação do homem se torna um poder alienado, que é dominado em vez de ser ele a dominá-la.

Karel Kosik (1976) afirma que por conta da divisão do trabalho, da divisão da sociedade em classe, que o homem não tem compreensão da realidade:

O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade. (p.11).

A pseudoconcreticidade é o mundo dos fenômenos externos, das representações comuns, que dão a impressão de ser condições naturais, é uma falsa realidade, que se manifesta imediatamente, primeiro e com maior frequência. Ou seja, o mundo da pseudoconcreticidade tem como elemento próprio o duplo sentido; o fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde. (ibid.)

Assim, para atingir a essência e compreender a realidade, Kosik (ibid.) ressalta que é preciso fazer um *détour*, o homem tem que fazer um esforço sistemático e crítico e descobrir a verdade através da ciência e da filosofia, porque a realidade não se apresenta à primeira vista.

Não é possível compreender imediatamente a coisa em si mediante a contemplação ou mera reflexão, o homem tem primeiro de submetê-la à própria práxis, tem de entrar em contato com a coisa, dessa maneira o homem só conhece a realidade na medida em que se comporta antes de tudo como ser prático.

Então Kosik (ibid.) afirma que “captar o fenômeno de determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde. Compreender o fenômeno é atingir a essência” (p. 12). Neste sentido, o *détour* é o desvio, o olhar, o caminho na busca da realidade do todo, porque o todo é imediatamente acessível ao homem, mas é caótico e obscuro. É preciso que o concreto se torne compreensível através da mediação do abstrato, e o todo através da mediação.

Assim, é através do método do pensamento que se obtém a ascensão do abstrato ao concreto, no qual todo início é abstrato e cuja dialética consiste na superação desta abstratividade. O ponto de chegada não será as representações primeiras do empírico, mas o concreto pensado.

A realidade social é uma totalidade, um conjunto de partes que vai se configurando ao longo do processo histórico social. A característica principal do conhecimento consiste na decomposição do todo, ou seja, totalidade significa realidade como um todo estruturado, dialético, na qual um fato pode vir a ser racionalmente compreendido.

A dialética materialista como método de explicitação científica da realidade humano-social não significa, por conseguinte, pesquisa do núcleo terreno das configurações espirituais (como supõe o materialismo reducionista, spinoziano, de Feuerbach); não significa emparelhamento dos fenômenos de cultura aos equivalentes econômicos (como ensinava Plekanov seguindo a mesma tradição spinoziana), nem redução da cultura a fator econômico. A dialética não é o método da redução: é o método da reprodução espiritual e intelectual da realidade é o método do desenvolvimento e da explicitação dos fenômenos culturais partindo da atividade prática objetiva do homem histórico. (ibid., p.32).

No processo dialético de conhecimento da realidade deve ser feita uma crítica para uma prática que altere e transforme a realidade anterior no plano do conhecimento e no plano histórico-social. (FRIGOTTO, op. cit.). O materialismo histórico-dialético é um modo de pensar, de agir, e também um método que busca a essência das coisas.

Para o conhecimento da realidade, é necessário fazer a articulação entre as categorias de análise macro e microeconômicas, entre teoria e prática, através de um caminho metodológico que permita que o concreto se torne compreensível pela mediação do abstrato trabalhando com as categorias de conteúdo e método determinadas pelo materialismo histórico. Assim, Acácia Kuenzer (1998) afirma que

São as categorias que servem de critério de seleção e organização da teoria e dos fatos a serem investigados, a partir da finalidade da pesquisa, fornecendo-lhe o princípio de sistematização que vai lhe conferir sentido, cientificidade, rigor, importância. (p. 62).

São as categorias metodológicas que embora não explicitadas dão suporte à relação pesquisador-objeto de pesquisa durante o trabalho iluminando os procedimentos. Essas categorias são: práxis, totalidade, contradição e mediação. (ibid.).

Assim, a práxis da qual estamos falando não é a práxis utilitária, voltada dentro da concepção da pseudoconcreticidade, resolvendo problemas imediatos, captando apenas o aspecto fenomênico da realidade, sem a compreensão da realidade. (KOSIK, op.cit.).

A práxis ressaltada consiste na busca da concretude do objeto e numa ação transformadora que visa o rompimento da sociedade capitalista. Assim, Gaudêncio Frigotto (op. cit.) salienta que a práxis expressa a unidade indissolúvel de duas dimensões distintas, a teoria e a prática.

A categoria da totalidade mostra que o objeto de pesquisa ao mesmo tempo manifesta e é manifestação das relações sociais e produtivas mais amplas, implica na realidade enquanto um todo em processo dinâmico, no qual os fatos podem ser compreendidos a partir do lugar que ocupam na totalidade e das relações que estabelecem com os outros fatos e com o todo. (KUENZER, op.cit.).

A compreensão dialética da totalidade significa não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo na interação das partes. (KOSIK, op.cit.).

Sendo assim, Kosik (ibid.), salienta que totalidade não significa todos os fatos, que acumular todos os fatos não significa conhecer a realidade. Deste modo, o marxismo não se propõe a estudar tudo, mas o todo.

A pesquisa deve buscar a todo o momento o movimento, buscando captar a sua riqueza e a complexidade do real, com suas múltiplas determinações e manifestações. Nessa relação ativa de contrários em busca de superação se dá a categoria da contradição. (ibid.).

Como já foi ressaltado, no contexto do real nada é isolado, isolar os fatos inviabiliza sua explicação e esvazia seu conteúdo, assim surge a necessidade de trabalhar com a mediação, estudar o conjunto das relações que estabelece com os demais fenômenos e com a totalidade, ou seja, fazer a ligação das partes com o todo. (ibid.).

Indicadores sócio-econômicos

Foram realizadas várias saídas a campo e contatos via internet para coletar os dados, teve a colaboração do Grupo de Estudos Nucleados do Trabalho e Educação (GENTE) nas saídas a campo e tabulação de dados.

Os dados recolhidos foram referentes aos índices de criminalidade, ocorrências de trânsito, índice populacional, alvarás comerciais, variação de imóveis e aluguéis e instalação de empresas.

Na busca do índice de criminalidade, foi feita uma visita à delegacia civil de Três Lagoas que nos forneceu as ocorrências de furtos, roubos e homicídios da cidade durante o 1º semestre de 2007, 1º semestre de 2008 e de 2009. O que se pode notar é que do 1º semestre de 2007 ao 1º semestre de 2008 o número de furtos quase dobrou, o número de roubos saltou para mais que o dobro e o índice de homicídios passou de 5 para 24, ou seja, quase o quintuplicou.

Em 2009, os números continuaram a crescer, ou se mantiveram no mesmo nível de 2008, o que caracteriza que a cidade aumentou seu índice de criminalidade se tornando mais violenta.

1º semestre de 2007

	Furto	Roubo	Homicídio
Janeiro	119	19	00
Fevereiro	116	13	00
Março	134	18	00
Abril	135	33	01
Mai	166	38	01
Junho	170	23	03
Total	840	144	05

1º semestre de 2008

	Furto	Roubo	Homicidio
Janeiro	257	43	04
Fevereiro	238	68	03
Março	238	75	08
Abril	210	42	01
Mai	272	48	04
Junho	239	66	04
Total	1454	342	24

1º semestre de 2009

	Furto	Roubo	Homicidio
Janeiro	184	66	06
Fevereiro	178	58	03
Março	229	76	04
Abril	184	68	04
Mai	188	61	01
Junho	216	36	02
Total	1179	365	20

Outros dados coletados foram as ocorrências de trânsito, obtidas no 2º Batalhão da polícia militar/pelotão de policiamento de trânsito, que nos forneceram as ocorrências de janeiro de 2006 a setembro de 2009. Assim como o índice de criminalidade teve um aumento, os acidentes de trânsito também tiveram um aumento mas não tão significativo quanto o de criminalidade.

ESTATÍSTICAS DE TRÂNSITO - JAN/2006 à SET/09

ACIDENTES DE TRÂNSITO	2006	2007	2008	2009 (Jan–Set)
ACIDENTES SEM VÍTIMA	481	557	792	594

ACIDENTES COM VÍTIMA NÃO FATAL	465	625	856	550
ACIDENTES COM VÍTIMA FATAL	7	6	6	5
TOTAL DE ACIDENTES	953	1888	1654	1149

Com toda a movimentação que ocorreu na cidade com a chegada do complexo de fábricas, estima-se um crescimento populacional gerada por esse processo. Deste modo, buscamos obter os dados do IBGE para constatar essa expectativa, porém, o censo do IBGE, realizado a cada dez anos, não contemplou o período de instalação do complexo de fábrica.

Assim, buscamos dados do IBGE³, , na qual consta que Três Lagoas tem 85.914 habitantes numa contagem da população feita em 2007, pois o censo só ocorre de década em década.

Neste sentido, não temos um dado estatístico que comprove o crescimento populacional, mas obtivemos outros indicadores que indicam o quanto houve modificações na cidade.

Buscamos então saber se houve um crescimento no número de imóveis e na variação de aluguel. Assim, entramos em contato com o representante da associação das imobiliárias de Três Lagoas que poderia nos fornecer esses dados, mas não tinham ainda uma sistematização. Contudo, por meio de outra parte da pesquisa do grupo, que trabalha com a coleta e análise de reportagens de jornais da cidade, foram conseguidos dados referentes ao crescimento imobiliário da cidade.

Assim, no Jornal do Povo de Três Lagoas, do dia 21 de novembro de 2009, consta uma reportagem que retirou os dados da Secretaria de Finanças, Planejamento e Controladoria geral, afirmando que em 2005 o número de imóveis construído na cidade era de 23.762, e os terrenos 22.613, já em 2008 a cidade passou a contar com 32.026 residências e 23.893 terrenos. Temos então, um aumento significativo de quase 10.000 novas construções num período de 3 anos para uma cidade do porte de Três Lagoas.

Ainda, foi identificado um aumento da abertura de empresas, sobretudo no setor de serviço. Constatando que o complexo de fábricas proporcionou a aberturas de várias empresas, gerando uma grande movimentação na cidade.

³ Extraído em : <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.

Índice de abertura de empresas em Três Lagoas de 1980 a 2008

	Déc80	Déc90	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008 *
Comércio	66	271	63	62	68	101	75	82	138	175	64
Mista	22	57	10	7	13	13	18	24	30	18	1
Indústria	11	18	8	6	9	9	6	7	11	12	9
Pessoa Jurídica Prestadora de serviço	42	240	43	63	48	82	90	122	257	392	158
Pessoa Física Prestadora de Serviço	2	0	1	0	0	3	8	50	146	159	30
TOTAL	143	586	125	138	138	208	197	285	582	756	262

Tabela: Índice de abertura de empresas em Três Lagoas de 1980 a 2008

Fonte: Comitê de Apoio às indústrias de Três Lagoas

* referente aos meses de janeiro e fevereiro.

Confirmando os dados obtidos no comitê de apoio às indústrias, Denilson Pinto em uma entrevista ao Jornal do Povo de Três Lagoas afirma que

O surgimento de grandes indústrias em Três Lagoas está propiciando uma aceleração histórica do desenvolvimento de Três lagoas, impulsionando a economia em todos os setores. [...]Em 2005, o número passou para 3.423 e em 2009, o número chegou a 5.270. O crescimento econômico foi “astronômico” nestes dez anos, com 167.6% de empresas a mais no Município. Comparando o ano passado (4.810 empresas), com os 11 meses deste ano, o número de empresas somente neste período aumentou 9,5%, com a constituição de 460 novos empreendimentos.O setor que mais cresce no município é a prestação de serviços. Em 2000, existiam 692 empresas neste setor. Hoje já são 1.969, representando um crescimento de 283%. (pág.01)

De fato, foi possível convergir várias informações do crescimento do município em razão da chegada do complexo de fábricas. Notando até um crescimento populacional mesmo este não sendo ainda confirmado pelo IBGE, e mudanças no modo de vida das pessoas que habitam a cidade por conta do crescimento. Pode se assim dizer que esse momento, seja mais um salto na história da cidade de Três Lagoas.

Referências:

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho**: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (org). **Pós-neoliberalismo**: As políticas sociais e o estado democrático. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

COGGIOLA, Osvaldo. **Introdução à teoria econômica marxista**. São Paulo: Viramundo, 1998.

FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes de. Pesquisa em educação física: enfoques e paradigmas. In: FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes de; FARINATTI, Paulo de Tarso. (org.). **Pesquisa e produção do conhecimento em educação física**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1992. p. 13-31.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2000a. p. 71-90.

_____. **Educação e a crise do capitalismo real**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000b.

GAMBOA, Silvio Ancízar Sanchez. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GOUNET, Thomas. **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel**. 5 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 9 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KUENZER, Acácia Zeneida. Desafios teóricos metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e crise do trabalho**: perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 55-75.

MANFREDI, Silvia M. Trabalho, qualificação e competência profissional – das dimensões conceituais e políticas. **Educação e Sociedade: Revista Quadrimestral de ciência da educação**. Campinas: Cedes, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SANTIAGO, Pérsio. Alguns aspectos das teorias sobre as crises econômicas: o século XIX. In: **Revista Estudos**. n. 44. São Paulo: Humanitas, 1998. p. 15-36.

Três Lagoas conta com 5.270 empresas. **Jornal do Povo**. Três Lagoas, 31 de dez. de 2009. Disponível em: <http://www.jptl.com.br/?pag=ver_noticia&id=17709>. Acesso em: 14 de mai. de 2010.

VASAPOLLO, Luciano. **Por uma política de classe**: uma interpretação marxista do mundo globalizado. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VIEGAS, Terezinha C. ***O aumento da frota veicular no município de Três Lagoas – MS, no período de 2000 a julho de 2006***: análise e diagnóstico dos possíveis impactos ambientais causados. 2007. Dissertação (Mestrado em meio ambiente e desenvolvimento regional) – Universidade Para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – UNIDERP, Três Lagoas, 2007.